



REFLEXÕES SOBRE AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO ENSINO DE GEOGRAFIA

VENDRAMINI, William James¹

Resumo

Aqui apresentamos reflexões sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas na sala de aula pelos professores da Escola Estadual do campo “Dom Francisco de Aquino Correa”, abordando as metodologias diferenciadas ou de intervenção, que por vezes são conhecidas, mas precisam receber adaptações devido as peculiaridades que a escola dispõe. As práticas contribuem com reflexões sobre o cotidiano do ensino de geografia na área rural, sobretudo para a necessidade da formação continuada.

Palavras-chave: Reflexões. Práticas Pedagógicas. Intervenção. Ensino de geografia.

Abstract

Here we present reflections on the pedagogical practices developed in the classroom by the teachers of the State School of the field "Don Francisco de Aquino Correa", addressing the differentiated or intervention methodologies, which are sometimes known, but must receive adaptations due to the peculiarities that the school has. The practices contribute with reflections on the daily life of the teaching of geography in the rural area, mainly for the necessity of the continued formation.

Keywords: Reflections. Pedagogical Practices. Intervention. Geography Teaching.

Resumem

Nous présentons ici des réflexions sur les pratiques pédagogiques développées en classe par les enseignants de l'École d'État du domaine "Don Francisco de Aquino Correa", abordant les méthodologies différenciées ou d'intervention, qui sont parfois connues, mais doivent recevoir des adaptations en raison des particularités que le l'école a. Les pratiques contribuent avec des réflexions sur la vie quotidienne de l'enseignement de la géographie en zone rurale, principalement pour la nécessité de la formation continue.

Mots-clés: Réflexions. Pratiques Pédagogiques. Intervention. Enseignement de la Géographie.

¹ Mestre em Geografia – Professor efetivo da SEDUC/MT – william@unemat.br.



Introdução

Refletir sobre as práticas pedagógicas deve ser um exercício constante para o profissional da educação, uma vez que quanto mais se investe em estudos, pesquisas, estudos de caso, análise, troca de saberes, encontros pedagógicos, e formação continuada. Esse exercício é fundamental para que se possa desenvolver conhecimentos e habilidades a serem utilizadas em sala de aula, melhorando a relação na construção do conhecimento, tanto por parte do estudante como do professor.

Os diferentes modos de se fazer a educação constituem elementos de formação humana que tendem a contribuir para que os sujeitos preparem-se para a vivência em grupo, para agir e interagir socialmente, para realizar diferentes atividades, sobretudo para intervir na construção de uma sociedade mais humana e igualitária. Nesse sentido, compreende-se a importância da educação, tanto formal quanto informal, para a formação que vai além do desenvolvimento de capacidades e habilidades individuais; ou seja, construindo, gradativamente, os meios para que o sujeito, em aprendizagem permanente, desenvolva diferentes potencialidades.

A fim de que as pessoas tenham acesso a uma educação de qualidade e ser capaz de proporcionar a sustentação das necessidades intelectuais e sociais dos sujeitos que vivem no campo e que hoje sofrem muito mais com a ausência de políticas públicas. No ensino de Geografia, o conteúdo é muito importante, mas a interpretação geográfica é o essencial.

Segundo Rego (2003), essa interpretação atravessa os fatos geográficos e estabelece articulações em nível crescente que constitui uma rede de muitos nexos, com inter-relações de ordens diversas. Ponderar o ensino de Geografia numa visão crítica é proporcionar ao estudante a leitura do mundo, ajudando-o a compreender que a nossa realidade é uma elaboração social sobre a natureza. Ao longo de sua história, essa disciplina se caracterizou como matéria mnemotécnica e simplista, em virtude de seus fundamentos teórico-metodológicos estarem ajustados à prática de ensino tradicional, que primava pela memorização dos dados e fatos geográficos.

O ensino de modo geral nas escolas é organizado conforme a capacidade do aluno de assimilar e codificar informações, que se divide em ensino infantil, **RCC, Juara/MT/Brasil, v. 5, n. 1, p. 22-33, maio/ago. 2019, ISSN: 2525-670X 23**



fundamental, médio e superior. É como se colocassem as pessoas em caixinhas para se definir o que ensinar, porém não se define com clareza como ensinar tamanha gama de informações que são necessárias para a convivências social e o futuro mercado de trabalho.

Para o desenvolvimento dessa prática de ensino de Geografia, exige-se uma organização da escola em classes estáveis; os alunos são separados por idade; as carteiras organizadas em fileiras e alinhadas de frente para a lousa; a mesa do professor fica posicionada na parte frontal da sala; a atividade docente fica restrita ao repasse de informações aos alunos, e estes, por sua vez, são meros receptáculos de conteúdos apreendidos por meio da memorização. Hoje é notório e necessário uma reorganização e a quebra destes paradigmas para uma nova forma de se ensinar a geografia em sala. Esse texto tem o objetivo de apresentar as práticas e fazeres do cotidiano da escola estadual do campo “Dom Francisco de Aquino Correa”, dando ênfase a disciplina de geografia e como ela foi trabalhada no contexto escolar.

A metodologia utilizada é a qualitativa, com cunho descritivo. A pesquisa qualitativa entende a realidade social como dinâmica, na qual interagem sujeito e objeto, já que ambos tem a mesma natureza. Para gerar o mapa de localização foi utilizado o “software Spring” (CÂMARA et al., 1996) e o banco de dados extraído do site do IBGE.

Os procedimentos metodológicos da pesquisa partiram de uma investigação e análise bibliográfica, incluída a análise documental que para Lakatos & Marconi (2017) é um instrumento de coleta de dados muito importante na qual podem ser colhidas informações para amparar as considerações do pesquisador. Baseado neste aporte teórico foi desenvolvido um estudo de caso na Escola Estadual do campo Dom Francisco.

Uma escola do campo com problemas urbanos

O Município de Poconé situa-se na Mesorregião Centro Sul do Estado de Mato Grosso, e faz limite com os municípios de Cáceres, Nossa Senhora do Livramento, Barão do Melgaço e Várzea Grande, ao sul faz limite com o Estado de

RCC, Juara/MT/Brasil, v. 5, n. 1, p. 22-33, maio/ago. 2019, ISSN: 2525-670X 24

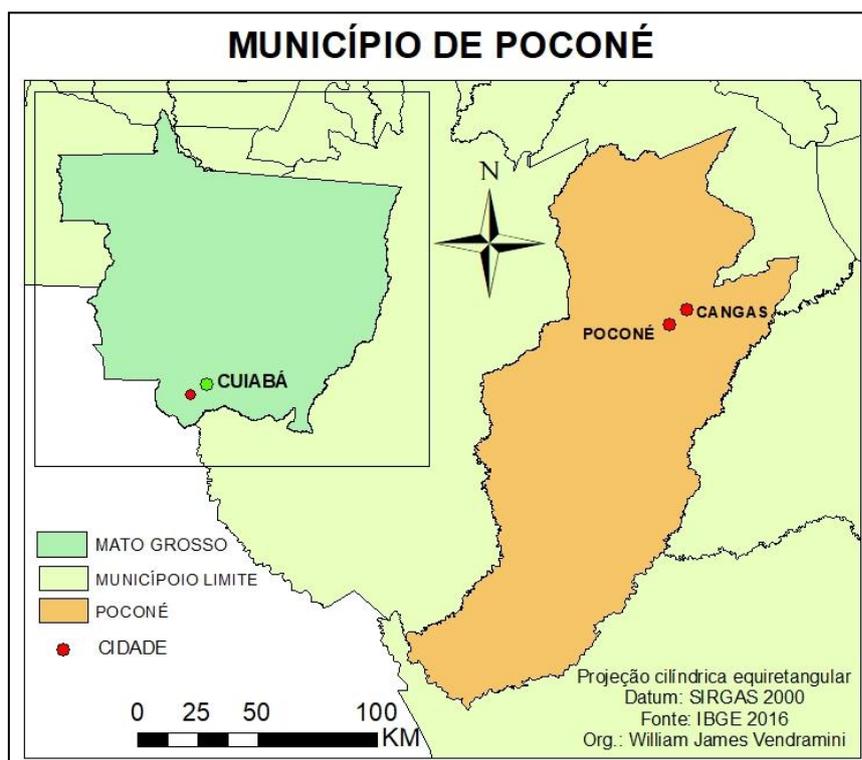


Mato Grosso do Sul. De acordo com o censo de 2010 o município possui “33.478 habitantes e sua base econômica é a pecuária, seguida da agricultura e do turismo” (IBGE, 2013).

De acordo com SEPLAN (Secretaria Estadual de Planejamento), Poconé encontra-se na 118ª posição dos 141 municípios do Estado no quesito IDH (Índice de Desenvolvimento Urbano).

A escola Dom Francisco, fica localizada a 20 km da sede (perímetro urbano) do Município de Poconé na MT 060, sentido a capital do Estado de Mato Grosso, Cuiabá, mais especificamente no Distrito de “Cangas” sob as coordenadas (-16°08’09” S, -56°56’75” W), é uma escola do campo que possui desde o Ensino Fundamental I ao Ensino Médio, no três períodos.

Figura 01: Mapa do município de Poconé –MT



Fonte: créditos na imagem

Por se tratar de uma escola do campo a maioria dos estudantes são oriundos de comunidades, que podem estar a mais de 40km de distâncias com estradas com buracos e transporte precário, não bastasse isso, a escola não passa



por uma boa reforma desde 2002, porém, mesmo diante de muitos desafios o corpo docente e a equipe escolar não medem esforços para buscar solucionar o maior problema que se arrasta a anos, que é a alfabetização, tendo muitos alunos com dificuldade de leitura e escrita mesmo no ensino fundamental II.

Como consequência os alunos são desinteressados desmotivados por diversos fatores como a falta de perspectiva de ascensão profissional, vista como algo distante, a necessidade de trabalhar no campo, e a falta de referências familiares que estimulem os estudos, tudo isso aliado a sexualidade precoce que culturalmente é uma realidade da sociedade local, muitos casam-se (se juntam) ainda adolescente ou tem filhos sem planejamento. Pensar no ensino superior é algo muito distante da realidade local, muitos não querem nem tentar outra possibilidade que não seja trabalhar no campo ou no garimpo, que são as atividades presentes nesse território.

Dentre as alternativas que a escola busca para estimular o aprendizado, estão medidas atrativas e participativas que no decorrer do ano letivo são oferecidos diversos passeios, aulas à campo, jogos escolares e festa junina, além de comemorações de datas festivas como dia da mulher, das mães, das crianças, todas as atividades são desenvolvidas sob planejamento antecipado, visando trabalhar com a interdisciplinaridade e atingir todos os níveis de educação, sendo necessário uma inserção dos respectivos conteúdos em cada atividade coletiva.

Nesse sentido o profissional da educação, recebe total liberdade para usar o método que considerar mais apropriado para cada idade que atua, bem como utilizar a metodologia que atue diretamente no processo de construção do conhecimento interligando a temáticas do planejamento anual, dentre as inúmeras iniciativas destacamos, a construção de maquetes, apresentações orais, desenho livre, reciclagem de objetos na escola, jogos e brincadeiras, etc.

Outra prática do cotidiano escolar é a organização diariamente dos alunos no período matutino para dar informes, orientações, ensinamentos de práticas coletivas e reflexões sobre atitudes positivas e negativas, com a intenção de incentivar as boas maneiras dos alunos como respeitar o próximo, não desperdiçar alimentos, ser educados com as pessoas, etc. Isso de certa forma, tem diminuído as



práticas de *bullying* e violência entre alunxs, algo extremamente importante, principalmente no contexto global que estamos.

Estes ocorrem de forma tímida sem a participação de todas as turmas, que seria a intenção da coordenação pedagógica e o ideal visando a interação e equilíbrio do nível de aprendizagem.

As experiências desenvolvidas em sala, são divididas com os pares durante as reuniões pedagógicas e na sala do educador, desvendando problemas e propondo soluções, para enfrentar as dificuldades de aprendizagem e indisciplina que muitos alunos apresentam, assim cada disciplina precisa se adaptar as condições de cada turma e de cada aluno.

No entanto a falta de investimento do Estado em educação por parte das gestões passadas e presentes, coloca a escola em um triste e lamentável nível de aprendizagem abaixo da média estadual e municipal, de acordo com a Prova Brasil 2017, aplicada e de responsabilidade do Inep, com alunos do quinto ano do ensino fundamental, na área de língua portuguesa apenas 27% dos alunos apresentaram na competência de leitura e interpretação de textos até o 5º ano, adequada para a série. Na área de matemática o resultado é ainda inferior, apenas 15% dos alunos apresentam na competência de resolução de problemas até o 5º ano, estes dados refletiram diretamente nos índices do IDEB conforme quadro abaixo.

Tabela 01: Índice do IDEB da escola Dom Francisco.

Ano	Ideb	Projeção Ideb	Município Ideb
2005	0.0	-	3.1
2007	0.0	0.0	3.1
2009	2.0	0.0	3.7
2011	3.0	3.0	3.7
2013	3.0	3.0	3.7
2015	3.0	3.0	3.6
2017	0.0	3.0	4.6
2019	-	4.0	4.9
2021	-	4.0	5.2

Fonte: Instituto nacional de Estudos e Pesquisas - INEP



Os dados apontam que os índices de aprendizagem, da escola Dom Francisco se manteve até 2015, de acordo com a projeção do Ideb, mas abaixo da proposta almejada pelo município, porém em 2017, houve uma queda abrupta atingindo o nível zero.

Assim, os dados revelam que essa escola do campo, possui tantas especificidades e dificuldades que necessitam urgentemente de medidas de intervenção, metodologias de ensino diferenciadas e investimento em todas as áreas como qualificação e capacitação de toda a equipe de educadores, infra estrutura, cursos específicos para os professores em cada área e outras medidas que forem importantes para melhorar o aprendizagem dos alunos, conseqüentemente dos índices que são colocados como metas.

A geografia no cotidiano escolar

A disciplina de geografia, é vista por muitos alunos como chata, cansativa, sem muita utilidade no cotidiano, e isso ganha mais força quando o professor, não apresenta alternativas práticas trazendo os conceitos geográficos para a vivência do aluno, o que daria mais usualidade da disciplina para entender o espaço em que convive, que aliás é um dos objetivos das ciências geográficas.

Indiscutivelmente, passados algumas décadas de um intenso e profundo movimento de renovação da Geografia brasileira (Nova Geografia, Geografia Crítica e Geografia Humanística), marcado, sobretudo, pela visão quantitativa, pelas teorias marxistas, pelas abordagens de cunho fenomenológico, hermenêutico e existencialista, as discussões teóricas e a aceitação de várias vertentes no campo de ensino da Geografia têm chegado às escolas de uma forma lenta e em muitos contextos, ainda são pouco visíveis.

Muitos autores, entre eles destacam-se Cavalcanti (2002, 2003), Carvalho (2004), Simielli (2007), Guimarães (2007), entre outros, afirmam que o ensino de Geografia nas escolas brasileiras apresenta mudanças perceptíveis, mas ainda mantém uma prática tradicional, tanto no nível Fundamental quanto no nível Médio.



Essa prática é caracterizada, na maioria dos casos, pelo enciclopedismo, pela utilização excessiva e descontextualizada do livro didático, pelo caráter descritivo, voltado para a memorização e para a reprodução de conteúdo e pela negação dos conhecimentos anteriores dos alunos. Em razão disso, o ensino de Geografia ainda contribui para a reprodução de um conhecimento conteudista, descritivo, desarticulado e fragmentado, dissociado da realidade social.

Logo, a Geografia escolar não tem permitido que o aluno se aproprie dos conhecimentos geográficos de modo a compreendê-los, questioná-los e utilizá-los como instrumento do pensamento que extrapola situações de ensino/aprendizagem eminentemente escolares, e colaborem para a formação de indivíduos críticos, conscientes e atuantes como cidadãos que refletem e interferem positivamente na sociedade contemporânea.

A geografia na escola Dom Francisco, no segundo semestre de 2018, foi trabalhada inicialmente apresentando os conteúdos e conceitos da geografia, buscando uma relação direta com o cotidiano e as atividades rotineiras dos alunos, a iniciação cartográfica foi outra vertente que após ser inserido o mapa político da Mato Grosso em todas as salas, despertou mais o interesse e a especulação sobre temáticas da geografia, deixando do abstracionismo para o empoderamento das questões do dia a dia, para que progressivamente o aluno possa fazer uma relação entre a ciência, a matéria dada e seu contexto. Essa relação entre ciência e matéria escolar se faz importante na medida em que nos ajuda a refletirmos sobre o que a ciência estava produzindo num dado momento e o que de fato repercutiu nos fundamentos da Geografia.

A relação entre uma ciência e a matéria de ensino é complexa; ambas formam uma unidade, mas não são idênticas. A ciência geográfica constitui-se de teorias, conceitos e métodos referentes à problemática de seu objeto de investigação. A matéria de ensino de Geografia corresponde ao conjunto de saberes dessa ciência, e de outras que não têm lugar no ensino fundamental e médio como Astronomia, Economia, Geologia, convertidos em conteúdos escolares a partir de uma seleção e organização daqueles conhecimentos e procedimentos tidos como necessários à educação geral. [...] Há, no ensino, uma orientação para a formação do cidadão diante de desafios e tarefas concretas postas pela realidade social e uma preocupação com as condições psicológicas e socioculturais dos alunos. A ciência geográfica, por si só, não tem responsabilidade de ocupar-se com esses aspectos (CAVALCANTI, 2006, p. 9-10).



A proposta de ensino na perspectiva construtivista crítica valoriza o cotidiano do aluno como ponto de partida para se trabalhar a Geografia de modo contextualizado com a vivência do estudante, isso é mais necessário em escolas periféricas ou da zona rural, que possuem menos recursos tecnológicos de suporte de ensino. “A realidade social dos educandos está imersa em informações que estes adquirem mediante os textos de circulação social” (MENEZES, TOSHIMITSU & MARCONDES, 2007), como jornal impresso e televisivo, letras de música, anúncios de outdoors, revistas, programas de TV, entre outros relacionados ao cotidiano.

Estes escritos são recursos didáticos que trazem mensagens codificadas e sua leitura implica a decodificação da mensagem pela abrangência e acompanhamento do raciocínio do autor. O uso desses materiais em sala de aula auxilia os estudantes no aprimoramento da leitura e na produção textual. Cabe à escola ensinar a ler (decodificar) as formas simbólicas que circulam na mídia. O que se ensina na sala de aula em Geografia deve dar conta de ajudar os alunxs a compreenderem o que a mídia passa e suas ideologias, sobretudo que estes estão a serviço do capital e da elite dominante e distorções geográficas (MENEZES, TOSHIMITSU E MARCONDES, 2007).

Durante as aulas de geografia umas das técnicas de ensino é a utilização de mapas mentais, que tem a função de evitar a decoreba de conteúdo. Os mapas mentais ajudam a condensar grandes quantidades de informações fragmentadas em um só gráfico visual, tornando as informações mais inteligíveis e prazerosas de serem absorvidas, tornando a disciplina de geografia mais interessante, instigante e extrovertida.

Outra linha de ação, remetesse a valorização e definição dos conceitos que envolvem o uso da terra, principalmente no que se remete as questões da agricultura familiar, reforma agrária e campesinato, por se tratar de uma escola do campo acredita-se que este viés de ensino deve ser exaltado, incentivando a continuidade destas práticas, evitando uma possível extinção das culturas e práticas do campo.

A geografia tem sido grifada por um pensamento baseado em livros didáticos, mapas escolares e em enciclopédias, ou seja, o não desenvolvimento do ato de pensar. Isto está explícito em vários anos de estudos, dentro de uma classe

RCC, Juara/MT/Brasil, v. 5, n. 1, p. 22-33, maio/ago. 2019, ISSN: 2525-670X 30



escolar, com o famoso ato de decorar textos para responder um questionário, chamado de avaliação, muito usado nos dias atuais, inclusive nesta escola.

Sendo assim, a educação do campo tem que ir além de uma simples demonstração dos conceitos de paisagens, lugar, território e região para a escolaridade básica, deve valorizar as demandas do trabalho do campo. Pensar em práticas cotidianas do homem das lidas campeiras, para que seus filhos que, hoje, estão na escola, no futuro não tenham de sair das suas origens, para ter uma vida digna. Educação é um papel social, e assim cabe a sociedade como um todo entender esse compromisso.

Há muito o que se fazer em todas as áreas do conhecimento, porém a motivação é uma particularidade do aluno, que precisa querer aprender, não sendo o ensino uma responsabilidade exclusiva dos educadores. Em contrapartida a formação inicial e continuada dos professores, a busca por novas metodologias de ensino, são fundamentais para tenham condições de propiciar as melhores condições para a construção do conhecimento por parte do estudante.

Para concluir

Percebe-se que o ensino da geografia na escola do campo, deve ser mais instigante para que o estudante tenham interesse e consiga construir conhecimentos, pois muitos professores não tiveram na sua formação inicial na universidade suporte que pudesse lhes dar subsídio para assumir a tarefa e a responsabilidade de assumir uma sala de aula em uma escola do campo, que não tem as mesmas condições que uma escola da cidade. O Estudante da Escola do campo não é o mesmo estudante da escola da cidade. O professor precisa levar em consideração que seus anseios são diferentes, por isso, levar em consideração os seus saberes locais e cotidiano e importante para valorizar as especificidades do homem do campo.

O engajamento de toda a equipe escolar é fundamental para se alcançar resultados, assim cada profissional deve buscar a melhor forma de ensinar, buscar metodologias inovadoras, atrativas, que estimulem o interesse dos estudantes.



Existem muitos pontos a serem melhorados, principalmente em relação a criar condições para que os alunos efetivamente encontrem sentido em estar na escola, professores comprometidos precisam assumir essa tarefa, porém existem particularidades que estão fora da sala de aula e interferem diretamente em todo o processo e desafios de aprendizagem que é apresentada na escola por sua comunidade.

Portanto considera-se que tanto a disciplina de geografia como a demais ofertadas, estão caminhando para um processo de aprendizagem que ainda é lento mas, que em curto médio prazo podem trazer bons resultados, melhorando os índices de análise de ensino.

Referências

BRASIL. Censo demográfico 2010 - Agregado de setores censitários dos resultados do universo. v. 5, região Centro-Oeste. Rio de Janeiro: **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, 2013. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm>. Acesso em: 02 de março de 2018.

CÂMARA, G.; Souza, R.C.M.; Freitas U. M.; Garrido, J. C. P. **Spring**: Integrating Remote Sensing and GIS with Object-Oriented Data Modelling. *Computers and Graphics*, Dordrecht/NL, v. 15, n. 6, p. 13-22, 1996.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.

_____. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 4. ed. Campinas: Papirus, 2003.

_____. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 9. ed. Campinas, SP: Papirus, 2006.

CARVALHO, M. I. **Fim de século**: a escola e a Geografia. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2004. (Coleção Ciências Sociais).

GUIMARÃES, A. M. Indisciplina e violência: a ambigüidade dos conflitos na escola. In: AQUINO, J. G. (Org.). **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996.



LAKATOS, E. M.; & MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica** Editora Atlas, 8 ed. São Paulo, 2017. 320p.

MENEZES, Gilda; TOSHIMITSU, Thaís; MARCONDES, Beatriz. **Como usar outras linguagens na sala de aula**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

SIMIELLI, M. E. R.. Cartografia no ensino fundamental e médio. In: CARLOS, A. F. A. (Org.). **A geografia na sala de aula**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

REGO, Nelson; SUERTEGARAY, Dirce Maria; HEIDRICH, Álvaro. O Ensino de Geografia como uma hermenêutica instauradora. In: REGO, Nelson et al (orgs.). **Um pouco do mundo cabe nas mãos, geografizando em educação o local e o global**. P A: UFRGS, 2003, p. 275-310.